



Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados¹

Leandro COLLING²

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA

RESUMO

O texto trata sobre como as telenovelas da Rede Globo representaram os homossexuais no período compreendido entre 1974 a meados de 2007. A análise, ainda em fase inicial, é realizada a partir das reflexões de alguns Estudos Gays e Lésbicos, especialmente a Teoria Queer. O estudo identifica três fases distintas das representações e critica o modelo atual em vigor, em que os personagens homossexuais reproduzem um discurso considerado heteronormativo.

PALAVRAS-CHAVE: Homoerotismo – telenovela – Teoria Queer

Neste texto pretendemos tratar sobre como foi realizada a representação de gays e lésbicas nas telenovelas exibidas pela Rede Globo no período compreendido entre 1974 a meados de 2007. Detectamos que a emissora, em um primeiro momento, associou a homossexualidade com a criminalidade, depois preferiu os personagens estereotipados da “bicha louca” e/ou afetados e afeminados. Nos últimos anos, passou a também representar os personagens homossexuais dentro de um modelo que consideramos heteronormativo. Dialogando com alguns estudos gays, também demonstraremos que a chamada “narrativa da revelação”, a partir da década de 90, passou a fazer parte das novelas que continham personagens homossexuais.

Por fim, discutimos sobre os reflexos das representações construídas pelas telenovelas brasileiras. Compactuamos com a posição de que “os Estudos Gays e Lésbicos não devem buscar a constituição de um discurso capaz de verificar não só o lugar que o homossexual ocupa na cultura, mas sobretudo de constituir um discurso que problematiza a constituição da cultura” (Lugarinho, 2002, p. 57)³.

¹ Trabalho apresentado no GT – Audiovisual: cinema, rádio, televisão, do Inovcom, evento componente do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

² Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Facom/UFBA, pesquisador associado ao CULT/UFBA, professor do Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da Facom/UFBA e professor adjunto do curso de Comunicação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: colling@oi.com.br

³ Lugarinho se refere à crítica literária, o que não é o caso deste artigo. Entendemos que a observação cabe a qualquer estudo gay ou lésbico.



A partir do texto de Stuart Hall, *Que “negro” é esse na cultura negra?*, penso que poderíamos perguntar: que gay é esse na telenovela brasileira? A maneira como os gays estão sendo representados nos últimos anos faz alguma diferença para os homossexuais? Estamos apenas sendo cooptados e usados ou desenvolvemos e conseguimos aplicar “estratégias culturais capazes de fazer diferença (...) e de deslocar as disposições de poder”? (Hall, 2003, p. 339).

Conceitos

Antes de tratar diretamente de nosso objeto de análise, é necessário destacar que os Estudos Gays e Lésbicos no Brasil estão se multiplicando significativamente nos últimos anos. Uma análise sobre a produção poderia ser interessante para que pudéssemos ter, entre outras coisas, uma noção mais precisa sobre quais as áreas do conhecimento que contribuíram e/ou contribuem para o desenvolvimento dos estudos, quais os autores, teorias e pesquisadores mais importantes. Nos parece que, depois de um período em que historiadores e antropólogos foram os pioneiros e apresentaram a homossexualidade “sob um outro ângulo, libertando-a definitivamente de preconceitos médicos, jurídicos e religiosos” (Lopes, 2001, p. 122)⁴, atualmente, a área de Letras ganha destaque com as análises sobre a homossexualidade na literatura brasileira ou internacional.

Ainda que “no intervalo entre história e antropologia” (Lopes, 2001, p. 122) estejam sendo publicados excelentes estudos gays⁵, a coletânea de artigos que se propõe a descrever, “em sua ação epistemológica, o nascimento e a institucionalização dos chamados Estudos Gays e Lésbicos como uma disciplina na universidade brasileira” (Santos e Garcia, 2002, p. 7), por exemplo, possui 27 artigos, sendo 15 deles dedicados ao homoerotismo e a literatura.⁶ As análises sobre a homossexualidade e os meios de comunicação ainda são incipientes no Brasil. Lopes (2001, p. 123) já havia detectado esta lacuna e, na coletânea acima citada, apenas um artigo se inscreve na área da comunicação, através de um estudo sobre o homoerotismo nas revistas *Sui Generis* e

⁴ Lopes destaca os trabalhos realizados na década de 70, na universidade, por Peter Fry, Edward MacRae, Luiz Mott, Maria Luíza Heilborn, Carlos Alberto Messenger e Richard Parker. Embora já na década de 80, incluiria neste grupo de pioneiros o trabalho de Nestor Perlonger. Fora da universidade, Lopes destaca o trabalho de João Silvério Trevisan, lançado em 1986.

⁵ Lopes cita os trabalhos de James Green, Tânia Navarro Swain e Wilton Garcia.

⁶ Outros dois bons exemplos de estudos sobre o homoerotismo e a literatura são: LOPES, Denílson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002. COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992



Homens, duas publicações dirigidas ao público homossexual. A primeira deixou de circular no início de 2000.

A coletânea citada reúne textos apresentados no I Congresso da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura, realizado, em 2002, na Universidade Federal do Espírito Santo, com 35 trabalhos inscritos. O II Congresso ocorreu em 2004, na Universidade de Brasília, e o III, em 2006, na Universidade Federal de Minas Gerais. Nos dois últimos encontros, cerca de 400 trabalhos foram apresentados. Os dados mostram o crescimento do interesse dos pesquisadores brasileiros sobre a temática. No entanto, verificando os programas dos últimos encontros, também é fácil perceber que os estudos sobre mídia e homossexualidade ainda são escassos. Na coletânea do segundo encontro (Lopes e outros, 2004), que reúne apenas uma síntese de 64 dos 188 trabalhos apresentados, apenas sete tratam de mídia. Por isso, pretendemos que este trabalho se constitua em uma pequena colaboração para o avanço das pesquisas.

Acreditamos que as reflexões da teoria queer podem ser muito úteis para pensarmos a representação de gays e lésbicas nos meios de comunicação. A teoria queer começou a ser desenvolvida a partir do final dos anos 80 por uma série de pesquisadores e ativistas bastante diversificados, especialmente nos Estados Unidos. Um dos primeiros problemas é como traduzir o termo queer para a Língua Portuguesa. “Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário”, diz Louro (2004, p. 38). A idéia dos teóricos foi a de positivar esta conhecida forma pejorativa de insultar os homossexuais. Segundo Butler, uma das precursoras de teoria queer, o termo tinha operado uma prática lingüística com o propósito de degradar os sujeitos aos quais se referia. “Queer adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos” (Butler, 2002, p. 58). Por isso, a proposta é dar um novo significado ao termo, passando a entender queer como uma prática de vida que se coloca contra as normas socialmente aceitas.

Neste sentido, um dos maiores esforços de Butler reside na crítica ao que se convencionou chamar de heterossexualidade compulsória e/ou homofóbica, uma “obrigação social de se relacionar amorosa e sexualmente com pessoas do sexo oposto” (Pino, 2007, p. 160). Por isso, os primeiros trabalhos dos teóricos queer, influenciados pela obra de Michel Foucault, apontam que esta obrigação foi construída para normatizar as relações sexuais. Assim, os pesquisadores e ativistas pretendem desconstruir o argumento de que sexualidade segue um curso natural. “Os estudos queer atacam uma repronarratividade e uma reproideologia, bases de uma



heteronormatividade homofóbica, ao naturalizar a associação entre heterossexualidade e reprodução” (Lopes, 2002, p. 24).

O maior esforço de Butler, por exemplo, dentro dos estudos queer, foi o de defender a tese da desnaturalização do sexo e do gênero. Neste sentido, ela desenvolve a teoria da performatividade. “O gênero é performativo porque é resultante de um regime que regula as diferenças de gênero. Neste regime os gêneros se dividem e se hierarquizam de forma coercitiva” (Butler, 2002, p. 64). De uma forma resumida e incompleta, podemos dizer que a teoria da performatividade tenta entender como a repetição das normas, muitas vezes feita de forma ritualizada, cria sujeitos que são o resultado destas repetições. Quem ousa se comportar fora destas normas que, quase sempre, encarnam determinados ideais de masculinidade e feminilidade ligados com uma união heterossexual, acaba sofrendo sérias conseqüências. Em função destas pressões, a heteronormatividade - “enquadramento de todas as relações – mesmo as supostamente inaceitáveis entre pessoas do mesmo sexo – em um binarismo de gênero que organiza suas práticas, atos e desejos a partir do modelo do casal heterossexual reprodutivo” (Pino, 2007, p. 160), acaba sempre por prevalecer. Como veremos adiante, os casais gays nas telenovelas são representados dentro destes padrões.

Butler analisa a performance da *drag queen* para demonstrar como ela destrói a idéia de um original e da ligação naturalizada entre sexo e gênero.

A atuação ou performance da *drag queen* é o lugar que Butler utiliza como exemplo de espaço de onde se registra uma exposição dos mecanismos de produção da identidade de gênero (...) A performance da *drag queen* constrói um espaço em que se rompe com a cadeia casual estabelecida pela matriz de inteligibilidade heterossexual entre sexo e gênero (García, 2007, p. 53).

A partir do estudo da performance da *drag queen*, Butler vai pensar como o gênero, de um indivíduo de qualquer sexo, também está baseado em uma performatividade cuja matriz é heterossexual.

O sujeito é chamado a identificar-se com uma determinada identidade sexual e de gênero sobre a base de uma ilusão de que essa identidade responde a uma interioridade que esteve ali antes do ato de interpelação. O qual é precisamente um dos aspectos fundamentais da concepção performativa do gênero (García, 2007, p. 56).

Apesar de unidos em uma série de aspectos, movimentos gays e teóricos queer nem sempre pensam da mesma maneira. Uma das tensões é a estratégia, adotada por muitos ativistas, de tentar demonstrar que os homossexuais são iguais aos heterossexuais, ou seja, de que todos são “normais”. Para Gamson, a política queer



adota uma postura de não assimilação e se opõe aos objetivos inclusivos do movimento por direitos humanos gays dominante. “A política queer (...) adota a etiqueta da perversidade e faz uso da mesma para destacar a ‘norma’ daquilo que é ‘normal’, seja heterossexual ou homossexual. Queer não é tanto se rebelar contra a condição marginal, mas desfrutá-la” (Gamson, 2002, p. 151).

Segundo García, as políticas queer apareceram nos anos 90 a partir de uma autocrítica dos movimentos gays e lésbicos, que passaram a questionar as tendências integracionistas e a adoção de um conceito restrito de identidade, que não levava em conta os seus efeitos excludentes. “A política queer é basicamente anti-assimilacionista, renuncia a lógica de integração na sociedade heterossexual e se coloca em um lugar decididamente marginal” (García, 2007, p. 44).

De alguma forma, esta tensão entre política queer e movimento gay fica visível na forma como os ativistas gays reagem a determinados personagens homossexuais nas telenovelas brasileiras. Em várias ocasiões, por exemplo, o Grupo Gay da Bahia (GGB) ameaçou processar os autores e a própria emissora em função da existência de personagens homossexuais afeminados e/ou caricatos. Em outras ocasiões, teceu elogios quando os personagens “pareciam normais”, sem afetações.

Ainda que seja compreensível a estratégia adotada pelo GGB e outros grupos, nos parece interessante realizar as seguintes provocações: não existem gays afeminados e afetados? Por que eles não podem estar nas telenovelas? Para serem mais aceitos nas telenovelas, os personagens gays necessitam anular as suas diferenças e se comportar dentro de um modelo heteronormativo? As formas mais contemporâneas de representações de gays e lésbicas na televisão em geral não refletem, também, o estágio da própria cultura gay atual, que alguns autores relacionam com uma fase pós-gay ou pós-gueto?

Ao tentar entender a aceitação da personagem Madame Satã, apesar de ser queer no sentido de estranho e diferente, que desafiava as classificações fáceis, James Green reflete sobre as mudanças na própria cultura gay.

A internacionalização da cultura gay gerada nos Estados Unidos e na Europa, na última década, contribuiu para a remodelação das identidades e do comportamento sexual no Brasil. Enquanto há vinte anos atrás os únicos homens hipermasculinos nas áreas de concentração gay das praias de Copacabana e Ipanema eram uns poucos prostitutas e fisiculturistas, hoje em dia as “Barbies” saradas proliferam. Afinal de contas, “Não é um corpo perfeito de Barbie tudo com o que uma “garota” sempre sonhou?”, diz a brincadeira. O tipo homossexual macho – masculino, estiloso e charmoso – ditado pela



consumação da classe média tornou-se uma norma, apregoado em revistas pornô leves e publicações do tipo, com uma orientação mais intelectual. Embora a maioria dos homossexuais brasileiros não tenha recursos econômicos para adquirir todos os equipamentos relacionados a este estilo de vida sexual que ultrapassa a cama, um novo padrão de masculinidade representativa está, aos poucos, se tornando uma norma nos maiores centros urbanos do país (Green, 2003, p. 218).

Um cuidado conceitual a tomar é o de não associar diretamente o gay ao queer. “Ser gay é ter uma simples identidade; ser queer é entrar e celebrar o espaço lúdico de uma indeterminação textual” (Morton, 2002, p. 121). Apesar do rigor conceitual, a teoria queer pretende mais é provocar o estranhamento nas próprias formas de pensar, inclusive as acadêmicas e, talvez por isso, este texto seja muito pouco ou nada queer. Como diz Ed Coheh (apud Morton, 2002, p. 118), o slogan dos teóricos queer deveria ser: “fodemos com categorias”.

Ainda antes de tratar sobre o homoerotismo nas telenovelas, é necessário explicar o que é a “narrativa da revelação”. O conceito foi desenvolvido por Dennis Allen, em sua análise sobre como as relações homoeróticas foram representadas no seriado norte-americano *Melrose Place*. Conforme explica Oliveira (2002, p. 165), o autor detectou, em seus estudos, que a “narrativa da revelação” é a única história que pode ser contada nos programas por ele estudados. Ou seja, a presença dos homossexuais nas histórias apenas envolvia a suspeita de suas orientações, que é revelada somente próximo ou no final das tramas. “A este tipo de narrativa, Allen denomina ‘narrativa de revelação’, que existe para constituir um sub-tema da narrativa da heterossexualidade e incorporar o inevitável ciclo do amor, casamento, família de forma tradicional. Este investimento interpretativo exclui a alteridade ou marginalidade da homossexualidade” (Oliveira, 2002, p. 166).

Oliveira analisou as telenovelas brasileiras *Por amor*, *Torre de Babel* e *A próxima vítima*, todas com personagens gays ou lésbicas, e também detectou que a “narrativa de revelação” dominou as histórias envolvendo as relações homoeróticas existentes nestas três tramas. Nosso propósito é de ampliar esta análise, incluindo outras novelas com personagens gays e lésbicas, e problematizar, nos limites deste texto, os reflexos destas representações.

Homoerotismo nas telenovelas da Globo



Peret (2005) fez uma reconstituição histórica da homossexualidade nas telenovelas da Rede Globo de 1974 a 2005. Para tratar deste período, utilizaremos as informações contidas no trabalho dele para analisar os personagens. Em sua dissertação, o pesquisador encontrou 38 telenovelas que mencionavam, de alguma forma, a homossexualidade. Peret inclui em sua pesquisa os personagens heterossexuais que se passavam ou eram confundidos como homossexuais, em geral para conseguir algum tipo de benefício. Isso ocorreu em *Pai herói*, *Roque Santeiro*, *Ti-ti-ti*, *Renascer*, *Uga uga* e *Um anjo caiu do céu*. Em nosso artigo, consideraremos apenas os personagens que são homossexuais ou bissexuais, mesmo quando eles não revelavam explicitamente a sua orientação sexual. Para analisar os personagens de 2005 a 2007, recorreremos a várias fontes, tais como reportagens e artigos publicados na imprensa e também o acompanhamento cotidiano nas telenovelas.

Segundo Peret (2005), a primeira telenovela da emissora a conter um personagem homossexual foi *Rebu*, de Bráulio Pedroso, exibida de 4 de novembro de 1974 a 11 de maio de 1975. Conrad Mahler (Ziembonski) tinha uma relação com o michê Cauê (Buza Ferraz) e assassina a mulher por quem o namorado se apaixona. Na segunda novela da década de 70 a tratar da temática, o cabeleireiro gay Henri (José Luis Rodi) também foi relacionado com a criminalidade. Ele colaborou com o assassinato de Salamão Hayalla, cometido pelo amigo para com o qual nutria interesses sexuais que o telespectador não soube se eram correspondidos. A representação ocorreu em *O astro* (de 6 de dezembro de 1977 a 8 de julho de 1978), de Janete Clair.

Duas novelas da década de 70 apresentaram personagens homossexuais afetados e efeminados. Everaldo (Renato Pedrosa) era um mordomo em *Dancin'days*, de Gilberto Braga. O garçom Waldomiro (Laerte Morrone) e o chefe de cozinha Pierre Lafond (Nestor de Montemar) eram afetados e caricatos em *Marron-glacé*, de Cassiano Gabus Mendes. No final da década, de 20 de agosto de 1979 a 22 de fevereiro de 1980, *Os gigantes*, de Lauro César Muniz, insinua uma possível relação lésbica entre a protagonista Paloma (Dina Sfat) e Renata (Lídia Brondi).

A partir da década de 80 os gays e lésbicas começam a aparecer com mais intensidade nas telenovelas da Globo e provocam, sempre, muita polêmica e pontos no Ibope. Ao todo, foram nove telenovelas com personagens homossexuais na década de 80. Em *Ciranda de Pedra* (exibida de 18 de maio a 14 de novembro de 1981), de Teixeira Filho, Letícia (Mônica Torres) era uma feminista que se vestia e comportava como homem. Provavelmente, ainda que a personagem não tenha assumido verbalmente



a sua orientação, esta foi a primeira vez que a emissora tenha representado uma lésbica estereotipada. Outra novidade de 1981, no tocante a personagens gays, foi apresentada em *Brilhante*, de Gilberto Braga. Inácio Newman (Denis Carvalho) e Sérgio (João Paulo Adour) eram namorados.

A novela merece destaque porque a sexualidade foi tratada de outra forma: aqui, o discurso social da homossexualidade foi mais descrito do que mostrado – nenhum dos personagens gays tinha qualquer característica visual de obviedade, fosse através de gestual, linguajar ou vestuário. Era preciso prestar atenção aos diálogos para se perceber o que estava acontecendo e até um determinado ponto da primeira fase da trama, muitos telespectadores acreditavam que *Inácio* fosse alcoólatra, estéril ou impotente, devido ao fato de ele beber muito e envergonhar a família em eventos diante da alta sociedade, sempre mencionando a “hipocrisia” com que as coisas eram tratadas, e por sua mãe se referir uma vez e somente por alto ao “problema sexual” dele. O personagem tem um final “asséptico”, mas feliz, sem precisar manter um casamento de fachada, depois que seu namorado (que tinha recebido dinheiro de *Francisca* para sair do país) volta (Peret, 2005, p. 85).

Em *Um sonho a mais*, de Daniel Más, três personagens se travestem e Ana Bela (Ney Latorraca) protagoniza o primeiro “selinho” entre pessoas do mesmo sexo nas telenovelas da Globo. Em *Roda de fogo*, de Lauro César Muniz, novamente temos dois personagens homossexuais vilões e assassinos, vividos por Cecil Thiré e Cláudio Curry. Outro gay assassino, Argemiro, interpretado por Carlos Augusto Strazzer, pôde ser visto em *Mandala*, de Dias Gomes. Em seguida, *Vale tudo* (de 16 de maio de 1988 a 6 de janeiro de 1989), de Gilberto Braga, contou com o casal de lésbicas Laís (Cristina Prochaska) e Cecília (Lala Deheinzelin). Com a morte da última, Laís fica com Marília (Bia Seidl). O casal era proprietário da pousada Amendoeira, em Búzios, e a relação era muito discreta, sem nenhuma manifestação explícita de carinho. Possivelmente, parte do público sequer percebeu que se tratava de um casal lésbico.

Em *Bebê a bordo*, de Carlos Lombardi, novamente temos uma lésbica masculinizada. Desta vez, Joana Mendonça (Débora Duarte) tenta uma aproximação, não correspondida, com Ângela (Maria Zilda). Em *Pacto de sangue*, de Regina Braga, o personagem Bombom (Ricardo Petraglia) era efeminado. Já no final da década, *Tieta*, de Aguinaldo Silva, inova ao contar com a presença da atriz travesti Rogéria, que interpretava as personagens Ninete e Waldemar.

A participação da travesti Rogéria encarnando uma personagem também travesti não pareceu incomodar a opinião pública; ao mesmo tempo, a Justiça e a Igreja Católica estavam muito mais preocupadas com a relação entre *Tieta* e seu sobrinho Ricardo, seminarista que



abandona a carreira. A telenovela foi um enorme sucesso de público e crítica (Peret, 2005, p. 91).

Na década de 90, outras nove telenovelas da Globo continham personagens gays ou lésbicas. É neste período que a emissora começa a utilizar a chamada “narrativa da revelação” nas suas tramas. Mas isso não significa dizer que os personagens afetados e afeminados desaparecem por completo. As duas primeiras novelas da década - *Mico preto*, de Marcílio Moraes, e *Barriga de aluguel*, de Glória Peres, contavam com personagens afetados. Na primeira, José Luis (Miguel Falabella) e José Maria (Marcelo Picchi) tinham um relacionamento. Na segunda, Lulu (Eri Johnson) permaneceu sozinho, pois seu amor platônico por um jogador de futebol não foi correspondido. Quase a mesma frustração teve o personagem Adamastor (Pedro Paulo Rangel), em *Pedra sobre pedra*, de Aguinaldo Silva. Apenas no final da trama ele conseguiu um relacionamento com um personagem desconhecido.

Em *A próxima vítima* (13 de março a 4 de novembro de 1995), Sílvio de Abreu tratou de um relacionamento homossexual sem caricaturas, com o romance gay e multirracial entre Sandrinho (André Gonçalves) e Jefferson (Lui Mendes). A cena em que Sandrinho revela a sua orientação para a mãe, Ana Carvalho, vivida por Susana Vieira, foi uma das mais esperadas e assistidas. Exatamente como defende Allen, na narrativa da revelação os homossexuais revelam a sua orientação muito próximo do final da trama. Revelar ou não é o fio condutor da história destes personagens. Quando os autores das novelas não usam deste artifício, optam por personagens caricatos, que os telespectadores facilmente identificam como homossexuais. Foi o que ocorreu na seqüência. Em *Explode coração*, de Glória Perez, Floriano Peixoto interpretou uma pessoa ambígua, possivelmente uma travesti ou transgênero. Logo depois, o afetado Rô Pedalada era vivido por Marcos Breda, em *Zazá*, de Lauro César Muniz.

Por amor (de 13 de outubro de 1998 a 23 de maio de 1999), de Manoel Carlos, volta com a narrativa da revelação. Desta vez, o bissexual Rafael (Odilon Wagner) abandona o filho e a mulher para viver um romance com outro homem. Aqui a única diferença é a revelação de sua bissexualidade, que já era conhecida do público a partir da metade da novela, mas não assumida perante a sua família. Na novela *Torre de Babel* (de 25 de maio de 1998 a 16 de janeiro de 1999), Sílvio de Abreu tentou manter na trama duas personagens lésbicas (Rafaela, interpretada por Christiane Torloni e Leila, por Sílvia Pfeiffer) livres de estereótipos. No entanto, as duas acabaram sendo



literalmente explodidas ainda nos primeiros capítulos, na cena em que o shopping onde as duas trabalhavam veio abaixo. Ou seja, quando um autor opta por iniciar a novela com a revelação já consumada, ele muda ou é forçado a mudar a história. Na época, houve uma grande discussão sobre quem teria matado as lésbicas. De um lado, Abreu defendia que a própria imprensa teria colaborado em dar uma exposição exagerada às personagens. De outro, líderes gays acusavam a Igreja Católica e outros setores conservadores de terem pressionado a emissora a retirar as duas do ar.

Seguindo a tendência, quando a narrativa da revelação não existe é porque não há nada para revelar. É quando a caricatura e o estilo efeminado falam por si só. Em *Suave veneno* (de 18 de janeiro a 18 de setembro de 1999), de Aguinaldo Silva, Uálber (Diogo Vilela) e seu empregado Edilberto (Luiz Carlos Tourinho) provocaram polêmica. O último, principalmente, era bastante afetado e, por ser também motivo de chacota dos outros personagens, foi muito criticado pelo Grupo Gay da Bahia.

A partir dos anos 2000, a Globo consolida a estratégia de alternar personagens gays caricatos com a “narrativa da revelação” para aqueles em que pesam dúvidas sobre as suas orientações sexuais. Ao mesmo tempo, aumenta a intensidade e amplia espaço destes personagens nas tramas. De 2000 até meados de 2007, já contabilizávamos pelo menos onze telenovelas com personagens homossexuais. Ao que parece, também é nesta década que se intensifica uma tentativa de apresentar um maior número de casais gays inscritos dentro de um modelo que consideramos heteronormativo. Pelo menos nestas personagens, desaparecem por completo as afetações e vigora o desejo de casar e de adotar crianças, ou seja, os casais gays pouco ou nada diferem dos casais heterossexuais considerados ideais em nossa sociedade.

Em *As filhas da mãe*, Sílvio de Abreu avança ao criar a personagem transgênero interpretada pela atriz Cláudia Raia, que acaba por manter um relacionamento com Leonardo (Alexandre Borges). Em seguida, em *Desejos de mulher*, de Euclides Marinho, os gays Ariel (José Wilker) e Tadeu (Otávio Muller) mudam drasticamente no decorrer da trama. Em função dos baixos índices da audiência, eles se tornaram caricatos e cômicos, o que não ocorria no início da novela.

Já em *Mulheres apaixonadas* (de 17 de fevereiro a 11 de outubro de 2003), de Manoel Carlos, conseguiu tratar um casal lésbico Clara (Aline Moraes) e Rafaela (Paula Picarelli) sem estereótipos. No entanto, novamente a narrativa da revelação preponderou por boa parte da trama. Depois da revelação, as duas formaram um casal inscrito dentro de um modelo heteronormativo, que deseja casar e ter filhos. Em vários capítulos, as



duas trocavam carícias. No último capítulo, parte do público esperava que as duas finalmente se beijassem, mas isso não ocorreu. A mesma novela ainda contava com Eugênio (Sylvio Meanda), que era afetado e sem vida afetiva. Exibida em outro horário quase no mesmo período, *Kubanacan*, de Carlos Lombardi, apresentou diversos personagens masculinos que fingiam ser gays. Além disso, Manolo (Luis Guilherme), que era afetado, parecia ter um relacionamento com Jonny (Daniel Boaventura).

Em *Celebridade*, de Gilberto Braga, a questão aparece quando um bombeiro perde um emprego ao posar em uma revista gay e na bissexualidade de Laura (Claudia Abreu), que vive um breve relacionamento com Dora (Renata Sorrah). Em *Da cor do pecado*, de João Emanuel Carneiro, uma família faz de tudo para evitar que um dos filhos, afetado e interessado em maquiagem, seja gay. Além disso, Pai Gaudêncio (Francisco Cuoco) é também afetado e se insinua para Cezinha (Arlindo Lopes).

Repetindo *Mulheres apaixonadas*, Aguinaldo Silva, em *Senhora do destino*, também aposta em um casal de lésbicas sem estereótipos. Leonora (Mylla Christie) e Jenifer (Bárbara Borges) formam um casal a partir da metade da trama. Ou seja, a revelação não ocorre no final, o que permitiu que as personagens pudessem se desenvolver mais no decorrer da trama. As duas trocaram várias carícias, sem beijos, e algumas cenas foram rodadas na cama e no banheiro. Além disso, as duas começam um processo de adoção de uma criança que Jenifer achou no lixo. Se o casal estava livre dos estereótipos, o mesmo não pode ser dito de outro personagem da mesma novela. Ubiracy (Luis Henrique Nogueira) era um carnavalesco bastante efeminado e cheio de trejeitos que mantinha um conturbado relacionamento com o bissexual Turcão (Marco Vivala). Aqui podemos perceber claramente outra característica do discurso heteronormativo, pois Ubiracy representava a “mulherzinha” e Turcão encarnava o machão.

Em 2005, *América*, de Glória Perez, voltou novamente a apostar na narrativa da revelação e assim conquistou Ibope e colecionou polêmicas. Júnior (Bruno Gagliasso), filho de fazendeiros, desejava ser estilista e começou a sentir atração por homens. Ele acaba conhecendo o peão Zeca (Erom Cordeiro) e ambos se apaixonam. No final da trama, Júnior revela sua homossexualidade para a mãe Neuta (Eliane Gardini) e o esperado beijo entre o casal, que chegou a ser gravado e divulgado na imprensa pelos próprios atores, não foi exibido. No ar praticamente no mesmo período, *A lua me disse*, de Miguel Falabella e Maria Carmem Barbosa, contava com pelo menos três personagens homossexuais. Dona Roma (Miguel Magno) se vestia como uma mulher,



mas não teve relacionamentos durante toda a trama. O gay afetado era Samovar de Santa Luzia (Cássio Scapin). Ele acabou, no final da trama, sedimentando seu relacionamento com Valdo Magalhães (Hugo Gross), homem másculo que hesitou muito em aceitar a sua atração por outro homem. No último capítulo, o casal viaja para Paris.

Em *Páginas da vida*, de Manoel Carlos, que estreou dia 10 de julho de 2006 e terminou em 3 de março de 2007, o dermatologista Rubens (Fernando Eiras) mantém um relacionamento com o músico Marcelo (Thiago Picchi). Assim como ocorreu com o casal de lésbicas de *Senhora do destino*, agora a Globo apresenta um casal de homens gays que tenta adotar um filho. A diferença é que, pela primeira vez, o casal já está formado no início da trama, distante, portanto, da “narrativa da revelação”. No entanto, novamente perfeitamente integrado dentro de um modelo heteronormativo. A única diferença, em relação aos casais heterossexuais, é que os casais gays parecem assexuados, pois não transam.

Na novela *Paraíso tropical*, de Gilberto Braga e Ricardo Linhares, exibida entre 5 de março a 28 de setembro de 2007, Rodrigo (Carlos Casagrande) e Tiago (Sergio Abreu) formavam o casal gay da telenovela. Os dois estiveram juntos durante toda a novela e sequer se tocavam, mesmo nos momentos de maior intimidade. Na mesma novela, o personagem Hugo (Marcelo Lahan) foi agredido verbalmente pelo pai (Paulo Betti). Hugo era namorado do *personal trainer* Felipe (Miguel Kelner) e desejava casar com Taís (Alessandra Negrini) para ocultar a sua orientação sexual dos pais. No dia do casamento, o pai descobre a farsa e o agride. Hugo e Felipe saíram da trama logo depois da cena.

Outra característica que marca todas as personagens gays e lésbicas não caricatas é o fato de todos serem bonitos, bem sucedidos financeiramente e, na maioria das vezes, sabem se vestir muito bem, apreciam a arte, boas comidas e bebidas. Por isso, consideramos que uma outra representação esteja sendo construída pelas telenovelas, que precisa ser acrescentada às considerações de Adriana Nunan (2003, p. 100), que disse: “existem duas formas opostas, mas igualmente preconceituosas, de representação homossexual: a do homossexual violento e a do homossexual efeminado. Ambas as visões mostram a homossexualidade como algo exótico, bizarro, diferente ou anormal, procurando quase sempre alavancar os índices de audiência.”

Embora com grandes diferenças, esta “nova” tendência da Globo coincide como gays e lésbicas tem sido ou foram representados em seriados americanos como *Queer as*



folk (Os assumidos), Will & Grace, Queer eye for the straight guy, Six feet under (A sete palmas) e The L word.

Perdas e ganhos

Após esta rápida revisão sobre os personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo, podemos concluir que a emissora vem alternando personagens afetados e estereotipados com personagens ditos “normais”, ou seja, que não apresentam nenhum trejeito, vestimenta ou linguajar que possa “denunciar” a sua orientação sexual. Nestas últimas situações, algumas vezes os autores apostaram na “narrativa da revelação”, o que acaba por inviabilizar um maior desenvolvimento das histórias que os envolvem. Ao verificar as novelas em perspectiva histórica, é fácil perceber o aumento da temática homossexual em suas tramas. Neste momento, nos parece interessante perguntar: por que telenovelas aumentaram a presença de homossexuais? As nossas vidas melhoram com estes programas? Até que ponto? Representar gays e lésbicas dentro de um modelo heteronormativo não está criando um outro problema, que é o de anular exatamente o que diferencia milhares de homossexuais dos heterossexuais? A aceitação de um modelo heteronormativo para os gays e lésbicas seria a condição de aceitação de nossa orientação sexual nas telenovelas? Ou este seria o comportamento de gays e lésbicas da geração pós-gueto?

Obviamente não temos respostas para todas as perguntas, mas isso não impede que elas sejam feitas. Para tentar refletir sobre algumas delas, Stuart Hall oferece colaborações quando analisa o negro na cultura negra. Em primeiro lugar, ele nos diz que

não há nada que o pós-modernismo global mais adore do que um certo tipo de diferença: um toque de etnicidade, um sabor do exótico e, como dizemos em inglês, *a bit of the other* (expressão que no Reino Unido possui não só uma conotação étnica, como também sexual) (Hall, 2003, p. 337) (grifos do autor).

A partir disso, podemos dizer que os meios de comunicação, assim como parecem fascinados pela cultura e pelos corpos de negros e negras, agora também se aproveitam de nossas diferenças para apresentar algo distinto no maravilhoso mundo da indústria cultural. O que preocupa Hall é se isso faz ou não diferença para os sujeitos representados na e pela mídia. A resposta que ele nos dá é: sim e não. Sim porque, para o autor,



a marginalidade, embora permaneça periférica em relação ao mainstream, nunca foi um espaço tão produtivo como agora, e isso não é simplesmente uma abertura, dentro dos espaços dominantes, à ocupação dos de fora. É também o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural. Isso vale não somente para raça, mas também para outras etnicidades marginalizadas, assim como o feminismo e as políticas sexuais do movimento de gays e lésbicas, como resultado de um novo tipo de política cultural (Hall, 2003, p. 338).

Ou seja, esta visibilidade alcançada também pode ser considerada fruto de um trabalho incessante dos movimentos gays e lésbicos espalhados pelo mundo, que romperam a barreira dos guetos e da invisibilidade e passaram a exigir mais respeito e seriedade. Apesar disso, Hall nos diz que “existe sempre o preço de cooptação a ser pago quando o lado cortante da diferença e da transgressão perde o fio na espetacularização” (idem, p. 339). Por isso, o que interessa ao autor são as estratégias culturais capazes de fazer diferença e de deslocar as disposições do poder. A presença de gays e lésbicas nas telenovelas, especialmente quando não representados de forma caricata e estereotipada, quando não ligada à criminalidade, como verificamos nas novelas da década de 70 e 80, obviamente tem contribuído para uma maior visibilidade e aceitação da orientação sexual homossexual. Ao mesmo tempo, isso ainda não tem se traduzido, efetivamente, em grandes ganhos e avanços que efetivamente farão diferença. De 1963 a 2002, o Grupo Gay da Bahia computou o assassinato de pelo menos 2.218 homossexuais no Brasil. A grande maioria das mortes estava direta e explicitamente associada com a orientação sexual da vítima (Mott e Cerqueira, 2003, p. 19).

Além disso, a legislação brasileira ainda não avançou para conceder os mesmos direitos dos heterossexuais aos homossexuais. Os esforços da Frente Parlamentar pela Livre Expressão Sexual, no Congresso Nacional, enfrentam grandes resistências dos deputados e senadores contrários às mudanças nas leis.

Por outro lado, alguns sinais positivos começam a aparecer. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em seu primeiro mandato, instituiu o Programa Brasil sem Homofobia, que ainda não conseguiu ser integralmente implantado mas, pela primeira vez, o governo federal possui um programa específico para a comunidade GLBTT. Outros dados animadores podem ser vistos nos resultados de uma pesquisa, realizada pelo Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual e o Instituto Brasileiro de Pesquisa Social, em que foram ouvidos mais de 2.000 entrevistados, em 26 Estados brasileiros. Divulgada pelo programa *Fantástico*, da Rede Globo, no dia 27 de agosto de



2006, a pesquisa mostra que apenas 2% dos entrevistados não aceitariam a homossexualidade de algum parente próximo (irmão, irmã, filho, filha ou primos e primas). Outros 3% disseram que não saberiam como proceder e 94% disseram que respeitariam a orientação sexual do parente. 54% dos entrevistados também defenderam que a discriminação contra homossexuais deveria ser considerada crime, assim como o racismo⁷.

Considerações finais

No decorrer do texto, tentamos demonstrar como os personagens homossexuais foram representados nas telenovelas da Rede Globo. Na década de 70, os gays foram ligados com a criminalidade e a maioria era efeminada, afetada ou baseada em estereótipos. Na década de 80, a emissora começa a alternar personagens efeminados e afetados com personagens ditos “normais”, que não demonstravam nenhum traço que os distinguisse dos demais. Uma parte significativa dos personagens não mantém relação com ninguém e, quando isso ocorre, as cenas de sexo ou mesmo beijos não são exibidos. Ou seja, a televisão não mostra exatamente o principal aspecto que nos diferencia dos heterossexuais: com quem fazemos sexo. Além disso, a partir da década de 90, verificamos que, quando os personagens não são afetados, eles passam a se comportar dentro de um modelo heteronormativo. É na década de 90 que a “narrativa da revelação” passa a ser utilizada com mais intensidade⁸. Não pretendemos apontar conclusões sobre as razões destas representações e porque elas foram modificadas nos últimos anos. Apenas lembramos que as próprias pressões dos grupos gays, a busca por audiência e a adequação aos modelos aceitos por ela, além de reflexos de uma cultura pós-gueto, podem estar entre as possíveis alternativas. Por fim, acreditamos que, enquanto a televisão não contemplar a diversidade que abriga a sigla GLBTT, ainda há muito a refletir e discutir sobre o assunto, com o cuidado de não acabar por defender uma “homonormatividade compulsória e heterofóbica”.

⁷ Mais dados da pesquisa podem ser obtidos em <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,AA1255376-4005-0-0-27082006,00.html>

⁸ Poderíamos pensar que a “narrativa da revelação”, de alguma forma, também é usada em personagens heterossexuais. Isso ocorre, por exemplo, quando apenas no final da trama um casal passa a viver junto. No entanto, como sempre existem vários outros personagens heterossexuais, muitos ficam de fora deste tipo de narrativa. Agradeço a Eneida Leal Cunha por ter chamado a minha atenção sobre este aspecto.



REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. Críticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. *Sexualidades transgresoras. Una antología de estudios queer*. Barcelona: Icária editorial, 2002, p. 55 a 81.
- GAMSON, Joshua. Deben autodestruirse los movimientos identitarios? Un extraño dilema. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. *Sexualidades transgresoras. Una antología de estudios queer*. Barcelona: Icária editorial, 2002, p. 141 a 172.
- GARCÍA, David Córdoba. Teoria queer: reflexiones sobre sexo, sexualidad e identidad. Hacia una politización de la sexualidad. In: CÓRDOBA, David, SÁEZ, Javier e VIDARTE, Paco. *Teoria queer. Políticas bolleras, maricas, trans, mestizas*. Madrid. Editorial Egales, 2ª edición, 2007, p. 21 a 66.
- GREEN, James N. O Pasquim e Madame Satã, a rainha negra da boemia brasileira. In: *TOPOI*, v. 4, n. 7, jul.-dez. 2003, pp. 201-221.
- HALL, Stuart. Que “negro” é esse na cultura negra?. In: *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovik, Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003, p. 335 a 349.
- LOPES, Denílson. Estudos gays: panorama e proposta. In: *Lugar Comum*, número 13-14, janeiro-agosto de 2001, p. 119 a 130.
- LOPES, Denílson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- LOPES, Denílson e outros (orgs.). *Imagem e Diversidade Sexual. Estudos da homocultura*. São Paulo: Nojosa, 2004.
- LOURO, Guacira Lopes. *O corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LUGARINHO, Mário César. Crítica literária e os Estudos Gays e Lésbicos: uma introdução a um problema. In: SANTOS, Rick e GARCIA, Wilson (orgs.). *A escrita de Adé. Perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbicos no Brasil*. São Paulo: Xamã, 2002.
- MORTON, Donald. El nacimiento de lo ciberqueer. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. *Sexualidades transgresoras. Una antología de estudios queer*. Barcelona: Icária editorial, 2002, p. 111 a 140.
- MOTT, Luiz e CERQUEIRA, Marcelo. *Matei porque odeio gay*. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2003.
- NUNAN, Adriana. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.
- OLIVEIRA, Antonio Eduardo de. Narrativas e homoerotismo. In: SANTOS, Rick e GARCIA, Wilson (orgs.). *A escrita de Adé. Perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbicos no Brasil*. São Paulo: Xamã, 2002, p.163 a 170



PERET, Luiz Eduardo Neves. *Do armário à tela global: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira*. 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

PINO, Nádía Perez. A teoria *queer* e os *intersex*: experiências invisíveis de corpos des-feitos. *Cadernos Pagu* (28), janeiro-junho de 2007, p 149 a 174.

SANTOS, Rick e GARCIA, Wilton (orgs.). *A escrita de Adé. Perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbicos no Brasil*. São Paulo: Xamã, 2002.